

não exibe sinais de ter extraído lições de seu inferno político

Chávez

“

*Serenos são os mortos
Sou de carne e sangue.*



”

novamente, a irritação traída por um tique nervoso que repuxa um músculo na maçã facial esquerda.

– Vocês estão envenenados. Vocês são vítimas de uma estratégia goebbiana, de repetir mentiras até parecer verdade. Vocês estão falando com o presidente da Venezuela na casa dele e vêm aqui me insultar – exalta-se, em contraste com o tom das ponderações sobre as ameaças à liberdade de imprensa.

Antes que Chávez comece a destruir os móveis ou coisa pior, acho aconselhável desviar momentaneamente o assunto.

– Presidente, o senhor se sente diferente depois do golpe, se considera com o espírito mais sereno? – questiono.

– Serenos são os mortos – diz, secamente. – Sou de carne e sangue.

A pergunta era, de fato, dispensável.

Chávez fala de Lula como “um bom amigo”

Quando toma nas mãos a carta da WAN pedindo providências para salvar a liberdade de imprensa, Chávez volta a se enraivecer.

– Isto é inaceitável. Vocês estão abusando. Não vou nem ler esses pontos aqui. A entrevista está encerrada – determina Chávez, num tom mais militar do que nunca.

Depois de hora e meia de embates, todos se levantam, o constrangimento pesando no gabinete. Chávez caminha em direção à porta e, para surpresa geral, repentinamente ressurge o presidente cordial.

– Vocês serão sempre bem-vindos à Venezuela – diz, estendendo a mão.

De pé, à porta, procura retribuir com uma despedida diplomática.

– E o Lula, o senhor falou com ele depois do golpe? – ocorre-me.

Chávez desarma-se pela última vez e um sorriso se abre na face de traços índios.

– Lula é um bom amigo, me ligue algumas vezes para saber como eu estava. Também veio aqui, prestar solidariedade, uma comitiva de deputados do PT e do PSDB – narra, agradecido.

No fundo, Hugo Chávez Frías continua o mesmo enigma de sempre.



Sufoco em Caracas: policiais tentam impedir que manifestantes invadam a sede do jornal El Nacional

O PROTESTO DAS ENTIDADES

As intimidações de Hugo Chávez à imprensa vêm sendo denunciadas por organizações de mídia e de jornalistas venezuelanas e internacionais. Uma amostra de alguns dos protestos neste ano:

◆ Em janeiro, o secretário-geral da Federação Internacional de Jornalistas, Aidan White, denunciou em um encontro da entidade em Bruxelas:

– Jornalistas carregando equipamento de mídia têm sido atacados nas ruas por gangues estimuladas pelo partido no poder. O presidente não deveria procurar bodes expiatórios para culpá-los por seus problemas políticos.

◆ Em 5 de março, a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) acusou a Venezuela de desprezar a Declaração de Chapultepec, pela qual 22 governos latino-americanos assumiram o compromisso de defender a liberdade de imprensa. Segundo o comunicado da SIP, “o clima de tensão, agressão, intimidação e intolerância” contra a imprensa é agravado “pela falta de independência do

poder judiciário”.

◆ Em 15 de fevereiro, de posse de um levantamento sobre ataques aos meios de comunicação, o Comitê para Proteção aos Jornalistas (CPJ) enviou correspondência a Chávez.

– O CPJ está alarmado com os numerosos casos de intimidação contra a imprensa venezuelana que documentamos nas últimas seis semanas – diz a carta.

◆ No início do ano, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Imprensa distribuiu comunicado se declarando chocado com as agressões verbais de Chávez e negando as acusações de manipulação:

– Afirmamos, com todo o respeito ao país, que nem antes e

nem agora tomamos parte de uma conspiração da mídia e nem nos prestaríamos a nenhuma manobra semelhante.

◆ Uma comissão de direitos humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) que deixou Caracas sexta-feira classificou a atmosfera para jornalistas como “muito precária e perigosa”. A comissão solicitou ao presidente que peça a seus simpatizantes para não atacarem a mídia.



Manifestação: em apoio a Chávez, multidão cerca a sede do jornal El Nacional em Caracas, denunciando uma suposta “perseguição” ao presidente



Amigos: Chávez e Lula, em encontro em dezembro de 2001 em Caracas

DE OLHO NA VENEZUELA

O documento da Associação Mundial de Jornais (WAN) que irritou o presidente Hugo Chávez contém oito pedidos, entre eles:

- ◆ Assegurar punição a quem ataca jornalistas e instalações, a começar pelo assassino do fotógrafo Jorge Tortoza em 11 de abril, durante a cobertura de manifestação anti-Chávez.
- ◆ Abstenção da retórica presidencial que estimula a violência contra jornalistas.
- ◆ Inclusão no processo de diálogo nacional de representantes dos meios de comunicação.
- ◆ Tornar público seu projeto para uma nova lei de imprensa, sobre a qual paira a suspeita de pretender silenciar as críticas dos meios de comunicação.
- ◆ Eliminar apoio moral e financeiro aos Círculos Bolivarianos, que instigam e protagonizam ataques à imprensa.